rumos da luta

um jornal a serviço da classe operária e camponesa

"A teoria se converte em uma força material tão cedo seja apreendida pelas massas". **(KARL MARX)**

Uma publicação da **Célula Comunista de Trabalhadores (CCT)** e da **União Reconstrução Comunista (URC)** rumosdaluta@gmail.com **Número #22** **MAIO-JUNHO/2023**

SOBRE OS JUROS E OS IMPACTOS NA VIDA DOS TRABALHADORES

Cabe lembrar que o setor produtivo se encontra travado e que existe um excedente que não permite a ampliação da produção, além do que, ainda que fosse possível pensarmos em aumentar a produção, a atual capacidade ociosa do parque produtivo possibilitaria o aumento desta com pouco ou nenhum investimento em mão de obra ou maquinário, ou seja, o desemprego ainda persistiria e pessoas desempregadas pouco consomem, assim como pouco consomem as pessoas subempregadas. Precisamos pressionar aos governos, em especial o Governo Federal para a reversão das reformas que foram aprovadas recentemente e que significaram enormes ataques ao conjunto da classe trabalhadora, em especial a Reforma da Previdência e a reforma trabalhista, além disso precisamos buscar alternativas que gerem emprego e que estejam ligadas aos interesses dos trabalhadores. A mais importante para o período é a redução da jornada sem a redução de salários. Neste momento torna-se urgente deixarmos de destinar o grosso do arrecado pelo Governo Federal através de diversos impostos para o pagamento aos bancos e aos especuladores individuais ou coletivos, não podemos mais permitir que esse modelo de sistema de produção econômica oprima o grosso da classe trabalhadora para garantir os lucros de uma minoria endinheirada. **Leia o artigo na pág. 4**

A luta dos moradores segue na Zona Leste de São Paulo

página 3

Ações da campanha pela jornada de 35 horas semanais

página 3

A LUTA DOS TRABALHADORES CONTRA A POLÍTICA BURGUESA DE SEMPRE

Leia o editorial sobre a conjuntura brasileira na página 2

As mulheres exigem Equidade e Igualdade e dizem não as guerras

MULHERES página 7

Religiões de matriz africana e a liberdade religiosa

JUVENTUDE página 6

FILIPINAS: UMA REVOLUÇÃO DESCONHECIDA

Leia mais sobre na página 5

A LUTA DOS TRABALHADORES CONTRA A POLÍTICA BURGUESA DE SEMPRE

Do jornal O Estado de S. Paulo do último 17 de janeiro e das obras escolhidas de Giorgy Dimitrov, recolhemos algumas notas para uma avaliação da atual conjuntura política em nosso país.

O editorial da referida edição traz o título "A força da intolerância" e aparentemente, condena os atos de 8 de janeiro em Brasília. É evidente na conjuntura que vivemos a tentativa de criminalizar apenas o "bolsonarismo" pelos atos cometidos, assim como, após terem apoiado os golpes dos anos 50 e 60 do século passado, tornou-se um lugar comum na imprensa burguesa responsabilizar apenas os militares. De passagem, lembramos como uma certa esquerda anda bem alinhada com essa abordagem da questão.

Na página A-6 temos uma entrevista com o presidente do conselho de administração do Bradesco, Luiz Carlos Trabuco Cappi, intitulada "Oposição não pode se dar por processo de conspiração". Após lamentar os atos de 8 de janeiro, perguntado sobre as medidas econômicas, ele responde: "Os mercados estão acompanhando com muita atenção os novos passos da política econômica, o que pode provocar momentos de volatilidade, mas o direcional da mensagem de confiança do ministro está demonstrando uma postura realista, um compromisso fiscal equilibrado. Evidentemente que vamos estar em uma fase de conscientizar a sociedade de que todos devem contribuir".

A defesa do ajuste é a tônica de outros artigos do jornal. Seja qual for o ângulo pelo qual se aborde os atos em Brasília, os articulistas convergem para a defesa do ajuste. O banqueiro sabe bem para onde aponta o seu trabuco. O que ele diz é que a burguesia monitora a política econômica e se o ministro se desviar do caminho, pressionarão para demiti-lo. De resto, sabemos quem paga a conta das crises. Quando ele diz que "todos devem contribuir", significa que uns deverão se conformar em ter uma pequena redução em seus lucros, se tanto, e outros deverão se conformar em morrer de fome. O Sr. Trabuco deu essa entrevista durante o fórum de Davos, no qual os gurus da burguesia falam abertamente de que uma parcela da humanidade é descartável. Como sempre soubemos, se não queremos ser descartados, devemos descartá-los.

Não a toa, ignorando toda a fraseologia petista contra o Teto de Gastos vigente desde o governo Temer, o governo atual de Lula avançou na aprovação do chamado "Arcabouço Fiscal" capitaneado pelo Ministro da Fazenda, Fernando Haddad. Com a defesa desenvergonhada de alguns defensores e concordância do "Congresso mais reacionário da história", o novo Teto de Gastos com verniz petista vendido como "necessário" avançou na sua aprovação e vai cortar verbas e estrangular ainda mais os investimentos em áreas fundamentais para o nosso povo, como a Saúde e a Educação. Depois da promessa de mudança, aparentemente tudo permanecerá como o de sempre.

Em resumo, na cena política se desenvolve a luta entre a esquerda da ordem e o setor reacionário/fascistizante da classe dominante. O governo Bolsonaro alimentava polêmicas em torno da urna eletrônica, etc. O atual faz o mesmo com o "golpe". A luta de classes se dá em condições diferentes, com um nível maior de provocações e de manipulações de setores da burguesia, frequentemente chamadas de golpes pela esquerda da ordem. Todavia, o setor hegemônico da burguesia sabe que, no momento, não precisa dar um golpe de verdade, pois, na situação atual, tem sob controle todo um conjunto de partidos dessa mesma esquerda, os quais dirige. Um golpe desnecessário retiraria esses partidos do seu controle e poderia trazer problemas à classe dominante.

Comprovando o que afirmamos, as centrais sindicais da esquerda da ordem realizaram o ato do Primeiro de Maio para o qual convidaram Tarcísio de Freitas, atual governador de São Paulo, o qual há pouco chamavam de fascista.

O objetivo dessas notas é menos a análise da conjuntura, já que adiantamos há tempos a avaliação de que a burguesia tirou Lula da cadeia para fazer justamente o que ele está fazendo. É mais ajustar a nossa tática.

Damos agora a palavra a Dimitrov: "Os chefes da social-democracia esbatiam e encobriam perante as massas o verdadeiro carácter de classe do fascismo, não incitavam à luta contra as medidas reacionárias cada vez mais fortes, tomadas pela burguesia. Arcam, portanto, com a grande responsabilidade histórica, na medida em que, no momento decisivo da ofensiva fascista, uma parte considerável das massas trabalhadoras na Alemanha e numa série de outros países, não reconheceram no fascismo o rapinante financeiro sanguinário, seu maior inimigo, e na medida em que essas massas não se encontravam preparadas para reagir".

E segue: "Os interesses da luta de classe do proletariado e o sucesso da revolução proletária ditam a necessidade de possuir em cada país um Partido único do proletariado. Não é assim tão fácil nem simples, contudo, consegui-lo. Exigirá um trabalho e uma luta obstinados, constituindo necessariamente um processo mais ou menos prolongado".

O camarada Dimitrov adverte que uma tal unidade deve ser construída na base de princípios, sendo o primeiro deles "na condição de uma completa independência para com a burguesia e de uma ruptura total do bloco da social-democracia com a burguesia".

Acreditamos que são importantes lições para o momento que vivemos no Brasil. Já advertimos como grande parte da esquerda faz coro com a burguesia e evita denunciar o caráter de classe do fascismo em qualquer parte e seja qual for o partido ou personalidade que o encarne. Esses setores fazem isso justamente para se mostrar à burguesia como melhores administradores do capitalismo e de suas crises.

Em nossa situação, observamos que algumas organizações que se dizem comunistas estão seguindo nesta mesma linha.

Temos o dever de denunciar o que se passa, pelos riscos que comporta. Devemos buscar sim uma frente única proletária, o que já temos feito pela base, devemos aprimorar essa orientação, buscando influenciar setores cada vez mais amplos do proletariado e reforçando nossas posições, nossa organização.

As dificuldades são grandes, o sabemos, mas o contrário seria capitular, e isso, não faremos. É preciso perseverar na prática que vimos desenvolvendo e estudar a experiência histórica para melhor ajustá-la à nossa realidade.

rumos da luta
um jornal a serviço da classe operária e camponesa

jornada de estudos do Rumos da Luta

O jornal promoverá quatro jornadas de estudos no ano de 2023. A primeira atividade ocorrerá no dia 27 de maio, na EE Prof. Idêmia de Godoy, na Rua Andes, 807, em Guaianases, com base no texto "Salário, Preço e Lucro" de Karl Marx. Como consequência do trabalho da campanha "Brasil: pela Segunda e Definitiva Independência, faremos mais três atividades no Espaço Cultural Latinoamericano (ECLA), que fica na Rua da Abolição, 244, no Bixiga. No dia 24 de junho será debatido o problema da fome no Brasil, no dia 30 de setembro teremos uma discussão em torno do livro "Inflação e Monopólio no Brasil" de Alberto Passo Guimarães, e por fim, no dia 17 de dezembro, será debatido a questão do petróleo.

mais informações: **rumosdaluta@gmail.com**

Campanha pela jornada de trabalho de 35 horas semanais faz reunião de planejamento das ações

No último dia 25 de março realizou-se uma reunião da campanha pela redução da jornada de trabalho para 35 horas semanais, sem redução de salários. Agradecemos à direção do Sindicato dos Servidores e Trabalhadores Públicos em Sáude, Previdência e Assistência Social no Estado de São Paulo (Sinsprev) pela cessão do local para o evento.

Participaram dirigentes do Movimento contra o Desemprego, a Fome e a Carestia (MCDFC), militantes da Célula Comunista de Trabalhadores (CCT) e da União Reconstrução Comunista (URC), além de militantes e ativistas não vinculados a estas organizações.

Após a leitura e debate da Declaração de Roma, resolução do XVIII congresso da Federação Sindical Mundial (FSM), foram aprovadas as seguintes deliberações: 1) Transformar o ato do dia 8 de agosto, do Movimento contra o Desemprego, a Fome e a Carestia em ato da campanha; 2) Divulgação da Declaração de Roma nos locais de trabalho, moradia e estudo; 3) Organizar discussões sobre a declaração onde for possível; 4) Panfletar o restante do material da campanha disponível e participar no Primeiro de Maio da Sé; 5) Organizar a campanha em torno do Movimento contra o Desemprego, a Fome e a Carestia; 6) Produzir um "Jornal Mural" para divulgar a campanha; 7) Nos próximos materiais ampliar a discussão sobre os problemas relacionados ao trabalho, como: ampliação da jornada; precarização; doenças, entre outros. 8) Criar uma página para a divulgação da campanha no site NOVACULTURA.info; 9) Adquirir um domínio para a campanha e linkar com a página do NOVACULTURA.info; 10) Incluir a campanha no lançamento/publicação do livro sobre a história do Movimento Sindical de William Z. Foster pelo selo Edições Nova Cultura; 11) Incluir a campanha na organização da III feira do livro da Vila Yolanda (MOVY).

A luta por direitos para a Vila Yolanda

No dia 16 de Abril, o Movy (Movimento Vila Yolanda) realizou um encontro para debater as conquistas recentes e planejar as próximas ações. Além dos moradores da região, destacamos a participação de dona Lúcia, líder do movimento, e do subprefeito Lucas Sorrillo. No encontro, foi realizada a já habitual discussão política, apoiada pela leitura do jornal Rumos da Luta, e debatidos a construção da escola na região, o asfaltamento e iluminação das ruas e a realização da III Feira do Livro.

A escola de educação infantil, primeira reivindicação do movimento, já está em vias de conclusão e deverá ser inaugurada aproximadamente no mês de Julho. Apesar dessa conquista, o Movy entende que a região necessita também de uma escola com educação no nível Fundamental II e Ensino Médio. Essa é condição necessária não apenas para garantir a educação das crianças, mas especialmente para melhorar a condição de vida das mulheres da região, que atualmente dedicam praticamente todo o seu dia ao trabalho doméstico, incluindo o cuidado dos filhos.

O subprefeito informou que o asfaltamento e iluminação da região, outra reivindicação do Movy, já se iniciou e deverá estar concluída em um prazo de aproximadamente 150 dias, com exceção da Rua Barão Teixeira de Camargo, pois essa rua exige obras no córrego que passa próximo a ela, o que eleva os custos além do orçamento. Haverá também instalação de iluminação pública nas ruas em seguida. O subprefeito também propôs a construção de uma praça no terreno ao lado da nova escola, porém essa proposta foi rejeitada pelo movimento, já que essas praças tendem, com o tempo, a acumular lixo e atrair o narcotráfico, o que é particularmente ruim para as crianças que estão na escola ao lado.

O Movy segue na luta por mais direitos para os moradores da região e para pressionar os governos para que isto aconteça!

III FEIRA DO LIVRO DA VILA YOLANDA

No dia 20 de Maio, foi realizada a III Feira do Livro da Vila Yolanda, organizada pelo MOVY. A Feira, que iniciou-se com a organização de uma biblioteca comunitária por dona Lúcia, já se tornou parte do calendário anual da região. Além da distribuição de livros aos moradores do bairro e da região, também foi organizada também uma roda e conversa com dona Lúcia e Lucimeire Cabral (Diretoria Regional de Educação Guaianases). Como nos eventos anteriores, também tivemos apresentações dos músicos Clayton Belchior, Rafael Mineiro, Edy Dias, Os Elementais entre outros. Alunos da Escola Estadual Professora Idêmia de Godoy também estiveram presentes e fizeram uma apresentação artística em homenagem ao Dia dos Trabalhadores. A Feira do Livra da Vila Yolanda pretende aproximar os moradores do bairro e incentivar discussões sobre os problemas da região, como acesso à educação, na crença de que somente os trabalhadores unidos lutando por seus direitos conseguem conquistá-los. Na ocasião, também foi celebrado os 2 anos da criação do jornal Rumos da Luta e apresentada a campanha pela redução da jornada de trabalho para 35 horas semanais.

NC NOVACULTURA.info
As edições anteriores do Rumos da Luta podem ser lidas, em PDF, na página criada pelo NOVACULTURA.info para a divulgação do jornal: www.novacultura.info/jornal

SOBRE OS JUROS E OS IMPACTOS NA VIDA DOS TRABALHADORES

Recentemente vários meios de comunicação noticiaram a frágil pressão do presidente Lula sobre o Banco Central a fim de que a taxa de juros fosse reduzida, como se a improvável baixa nesta taxa fosse representar um automático crescimento econômico capaz de alavancar um ciclo de desenvolvimento.

Precisamos nos lembrar que os dois primeiros governos Lula (2003 A 2010) foram marcados por uma alta nos preços internacionais de determinados itens produzidos no Brasil, as chamadas commodities, produtos que têm seus preços regulados internacionalmente, portanto, em dólar.

Não é esse o caso para o momento.

A atual fase do capitalismo é marcada pela incapacidade do capital em cumprir todo o seu ciclo de reprodução, assim, grandes massas de dinheiro ficam represadas em uma das fases da sua reprodução não completando o ciclo e impossibilitando ao capitalista ampliar seus lucros.

Em momentos como esse duas das possibilidades de ampliação dos lucros dos capitalistas encontram-se na especulação e na inflação.

Grandes somas de capital são revertidas no movimento especulativo para ampliar a remuneração do capital e essa remuneração é garantida com o pagamento de juros altos, em especial os juros pagos pelos títulos da dívida pública.

Somente em 2022 essa dívida chegou a R$ 7,22 trilhões, ou o equivalente a 73,5% do Produto Interno Bruto, entretanto, o pagamento dos juros e amortizações da dívida pública somaram R$ 1,879 trilhão, o que representou 46,3% do Orçamento Federal Executado para o ano de 2022, enfim, a maior fatia do orçamento público Federal foi destinado ao pagamento de parte dos juros e das amortizações da dívida pública, sem que se arranhasse o montante da dívida.

Como se vê, é um grande negócio apostar no mercado a fim de garantir o recebimento de juros, ainda mais em um momento em que a produção se encontra travada.

Mas de onde sai os valores que garantem o pagamento destes juros? Ora, como sempre a resposta para essa pergunta é simples: dos trabalhadores.

Como apontado acima, a maior parcela do orçamento público Federal (46,3%) foi reservada para o pagamento dos juros da dívida pública (somente dos juros, já que não se consegue pagar uma dívida deste montante nem nesta, nem nas próximas gerações) e o orçamento público é composto por dinheiro público (ou dinheiro dos trabalhadores), somos nós que garantimos o pagamento de grandes somas de dinheiro à especulação dos capitalistas através do pagamento dos juros, para que eles ganhem nós, trabalhadores, vivemos sem acesso à educação, a saúde, aos serviços públicos de qualidade, a alimentação decente, ao trabalho digno.

A taxa de juros do Banco Central (13,75%) impacta diretamente na vida dos trabalhadores e muitos ganham com ela, menos o trabalhador, que não tem dinheiro para investir em ações, nem consegue emprego porque, diante da farra dos juros, capitalista algum opta por investir na produção, ainda mais em um momento em que não faltam excedentes neste processo, é sabido a pressão que os capitalistas do ramo de veículos automotivos têm feito sobre o governo, devido à queda de vendas e a paralisação da produção.

Precisamos lembrar que os juros que atingem diretamente aos trabalhadores são outros.

Os juros do cartão de crédito e do cheque especial, juntos com a inflação, são os que mais atingem aos trabalhadores.

Os juros do cartão de crédito chegaram à 411,5% em janeiro de 2023 e os do cheque especial chegaram a 151,8% ao ano. Sobre a inflação, apesar do que dizem os economistas burgueses, cada trabalhador sabe o quanto ela pesa nos nossos salários, em especial em um momento em que o trabalho se encontra tão precarizado que muitos trabalhadores recebem uma remuneração no limite do salário-mínimo, quando muito, já que muitos entre nós sequer recebem uma remuneração dessa monta.

Já a inflação contribui para o aumento da remuneração do capital e para o aumento do empobrecimento dos trabalhadores, na medida que uma parcela maior dos valores que são pagos pelos diversos produtos que consumimos vai para o capitalista e uma parcela maior do já pouco dinheiro que o trabalhador tem é gasto por eles para adquirirem os produtos de que necessitam, em especial os poucos alimentos a que ainda temos acesso.

Em resumo, o atual momento da economia não indica aos trabalhadores que um novo ciclo de crescimento das commodities possa ocorrer e assim alimentar um parco e insuficiente período de crescimento econômico baseado no consumo e no endividamento das famílias (semelhante ao acontecido nos dois primeiros governos de Lula).

Ainda que as taxas de juros do Banco Central fossem reduzidas em 2 ou 3 pontos percentuais, não haveria um ciclo produtivo suficientemente grande para sustentar um crescimento econômico semelhante ao ocorrido entre 2003 e 2010.

Cabe lembrar que o setor produtivo se encontra travado e que existe um excedente que não permite a ampliação da produção, além do que, ainda que fosse possível pensarmos em aumentar a produção, a atual capacidade ociosa do parque produtivo possibilitaria o aumento desta com pouco ou nenhum investimento em mão de obra ou maquinário, ou seja, o desemprego ainda persistiria e pessoas desempregadas pouco consomem, assim como pouco consomem as pessoas subempregadas.

Precisamos pressionar aos governos, em especial o Governo Federal para a reversão das reformas que foram aprovadas recentemente e que significaram enormes ataques ao conjunto da classe trabalhadora, em especial a Reforma da Previdência e a reforma trabalhista, além disso precisamos buscar alternativas que gerem emprego e que estejam ligadas aos interesses dos trabalhadores. A mais importante para o período é a redução da jornada sem a redução de salários.

Neste momento torna-se urgente deixarmos de destinar o grosso do arrecado pelo Governo Federal através de diversos impostos para o pagamento aos bancos e aos especuladores individuais ou coletivos, não podemos mais permitir que esse modelo de sistema de produção econômica oprima o grosso da classe trabalhadora para garantir os lucros de uma minoria endinheirada.

Filipinas: uma revolução desconhecida

Ainda que ignorada pela maior parte da esquerda brasileira e por isso ainda pouco divulgada no Brasil, a Revolução Filipina é sem sombra de dúvidas uma das guerras revolucionárias – dirigidas pela classe operária revolucionária filipina e seu partido, o Partido Comunista das Filipinas – que há mais tempo persistem, avançando heroicamente em meio a um sem número de dificuldades e reviravoltas nas situações política nacional e internacional.

Há mais de 50 anos, quando algumas poucas dezenas de jovens militantes comunistas reorganizaram o Partido – após muitas décadas de erros oportunistas de direita e de esquerda cometidos pelas antigas lideranças oportunistas do velho Partido Comunista das Filipinas fundado no ano de 1930 – e, no ano seguinte, no início de 1969, fundaram o Novo Exército Popular e iniciaram imediatamente a luta armada em Tarlac e nas regiões montanhosas de Isabela, até mesmo os apoiadores mais otimistas não poderiam esperar que a guerra popular conduzida pelo Novo Exército Popular viria a se tornar uma das mais vitoriosas da atualidade, com possibilidades reais de derrubar os sucessivos regimes títeres filipinos e marchar para a construção do mais novo Estado socialista do mundo. Atualmente, o PCF já possui mais de 200 mil militantes e organiza o Novo Exército Popular que, com mais de 10 mil guerrilheiros fortemente armados, opera em 120 fronts guerrilheiros em 71 das 81 províncias do país asiático.

Justamente por isso, em tempos em nosso país onde a maioria abandona a perspectiva revolucionária com frases soltas de que não seria mais possível uma revolução ou uma luta mais decisiva contra a burguesia e o latifúndio, para na maioria das vezes apenas justificar sua ação oportunista e reformista, é que podemos e devemos aprender com a luta do povo filipino até os dias atuais.

Vivendo sobre um regime de falsa democracia em um país dominado pelo imperialismo estadunidense, tendo enfrentado uma figura demagoga, Rodrigo Duterte, que foi eleito presidente e chegou a ser comparado com Jair Bolsonaro, e agora substituído por Ferdinand Marcos Jr, filho de um ditador que impôs um regime autocrático de mais de 30 anos no passado, o povo filipino dirigido por seu Partido Comunista trava uma luta consequente e mantém a perspectiva de sua libertação nacional e da construção do socialismo.

Para compreender melhor o contexto filipino, mostramos agora o que um documento do próprio Partido da Comunista responde à pergunta: Por que há uma guerra popular nas Filipinas?

Segundo o documento produzido pelos 54 anos do Novo Exército Popular, "isso ocorre porque o povo filipino deseja alcançar a verdadeira liberdade nacional e democracia para a pátria: liberdade da subjugação imperialista dos EUA e democracia da tirania da grande burguesia comprada, latifundiários e capitalistas burocráticos".

E segue "A guerra popular é patriótica, revolucionária, justa e goza do profundo apoio das massas. É invencível porque representa as aspirações do povo. Eles estão determinados a recuperar a riqueza do país de ladrões estrangeiros e seus cúmplices da classe dominante, acabar com o sistema semicolonial e semifeudal no país e construir um país próspero e em desenvolvimento para os filipinos. O êxito da guerra popular depende da mobilização geral do povo, sobretudo das massas camponesas. Em geral e essencialmente, a guerra popular é uma guerra camponesa dirigida pela classe operária através do Partido. A terra é a principal reivindicação democrática da maioria do povo. É a questão chave na guerra popular".

E o documento finaliza afirmando que "os combatentes vermelhos compreendem perfeitamente que a força das armas não é fator decisivo na guerra, mas a determinação e o espírito indomável do povo. Qualquer falta de coisas materiais pode ser superada pelo profundo apoio das massas, por sua extensa participação na guerra, juntamente com o heroísmo de seus bravos guerreiros. Todas as armas possíveis — revólveres, madeira ou pedras — serão usadas contra o inimigo. O pequeno se tornará grande e o poderoso inimigo será vencido. O povo e seu exército popular armados com a teoria e ideologia corretas devem avançar e prevalecer. Esta é a lei histórica da guerra popular, independentemente de suas voltas e reviravoltas, recuos e avanços. A luta armada avançará ainda mais junto com as lutas de massas generalizadas. A chave para o avanço da guerra popular é a firme unidade das massas e de seu exército popular. As chamas das lutas de massas no campo, juntamente com todos os meios de resistência armada das milícias populares e das unidades do Novo Exército Popular, irão engolir e arrasar o fascismo do Estado fantoche".

Religiões de matriz africana e a liberdade religiosa

Friedrich Engels, em sua Contribuição Para a História do Cristianismo Primitivo, descreve o cristianismo em uma época em que foi "o movimento dos oprimidos". Isso significa que o cristianismo, em seu momento inicial, foi uma expressão cultural do povo hebreu dominado pelo império Romano. Assim, vemos que em uma sociedade de classes, existem as religiões dos opressores e as dos oprimidos.

O Brasil, sendo também uma sociedade de classes, possui, sem dúvida, religiões que são expressões culturais de seu povo oprimido. As religiões de matrizes africanas como candomblé, candomblé de caboclo, umbanda, quimbanda, tambor de mina, jurema, omolocô, umbandomblé, entre outras, se formaram no Brasil como resistência à dominação cultural dos colonizadores e do imperialismo portugueses. São expressões do povo brasileiro em luta contra seus dominadores e assim seguem.

O suposto reconhecimento da liberdade religiosa no capitalismo é uma ilusão. O Brasil capitalista, ao mesmo tempo que diz que garante a liberdade de expressão e de religião, segue perseguindo o povo. De um lado, pinta uma realidade de proteção à liberdade de expressão religiosa, descobre o princípio jurídico do "racismo religioso" e cria leis para puni-lo. Na prática, fecha os olhos para a violência e para a miséria do povo que sofre até hoje a opressão dos tempos do Brasil colônia.

Por outro lado, o movimento e os partidos comunistas, embora sempre ao lado do povo, são organizações que baseiam toda a sua concepção de mundo no socialismo científico, isto é, no marxismo. São, portanto, organizações não religiosas, pois a ciência marxista demonstra que a religião foi criada pelo ser humano como maneira de explicar o mundo ao seu redor em um momento histórico em que não se podia fazer isso de maneira científica. Os comunistas sempre apontam, quando necessário, as limitações que as religiões colocam para a libertação real do povo.

No caso do cristianismo, Engels apontou que sua limitação foi colocar a salvação não nesse mundo, mas em um outro, após a morte. Já que naquele momento a libertação do povo hebreu era impossível, E, claro, após ser adotado como religião oficial do próprio império Romano, o cristianismo tornou-se a norma, e foi utilizado para organizar a exploração da terra e dos camponeses.

Mas isso não significa que os comunistas sejam contra a religião. Pelo contrário, desde pelo menos 1891, no chamado Programa de Erfurt, o movimento comunista considera a religião como um assunto pessoal. É claro que, como dito acima, o socialismo científico considera sua missão mostrar tudo o que há de atrasado e maléfico na religião, mas é plenamente possível que um comunista seja uma pessoa religiosa, desde que sua função no movimento seja espalhar o ideal do socialismo e do comunismo. E, mais do que isso, o comunismo e o socialismo são as únicas formas de garantir de fato a liberdade religiosa, seja qual for a religião das pessoas.

Isso pode parecer estranho: um movimento que é ateu, na verdade é o maior aliado daqueles que lutam pela liberdade religiosa. Mas essa é a verdade, pois a primeira condição para a liberdade de expressão religiosa é garantir a reprodução material, ou, em outras palavras, a sobrevivência do povo hoje oprimido.

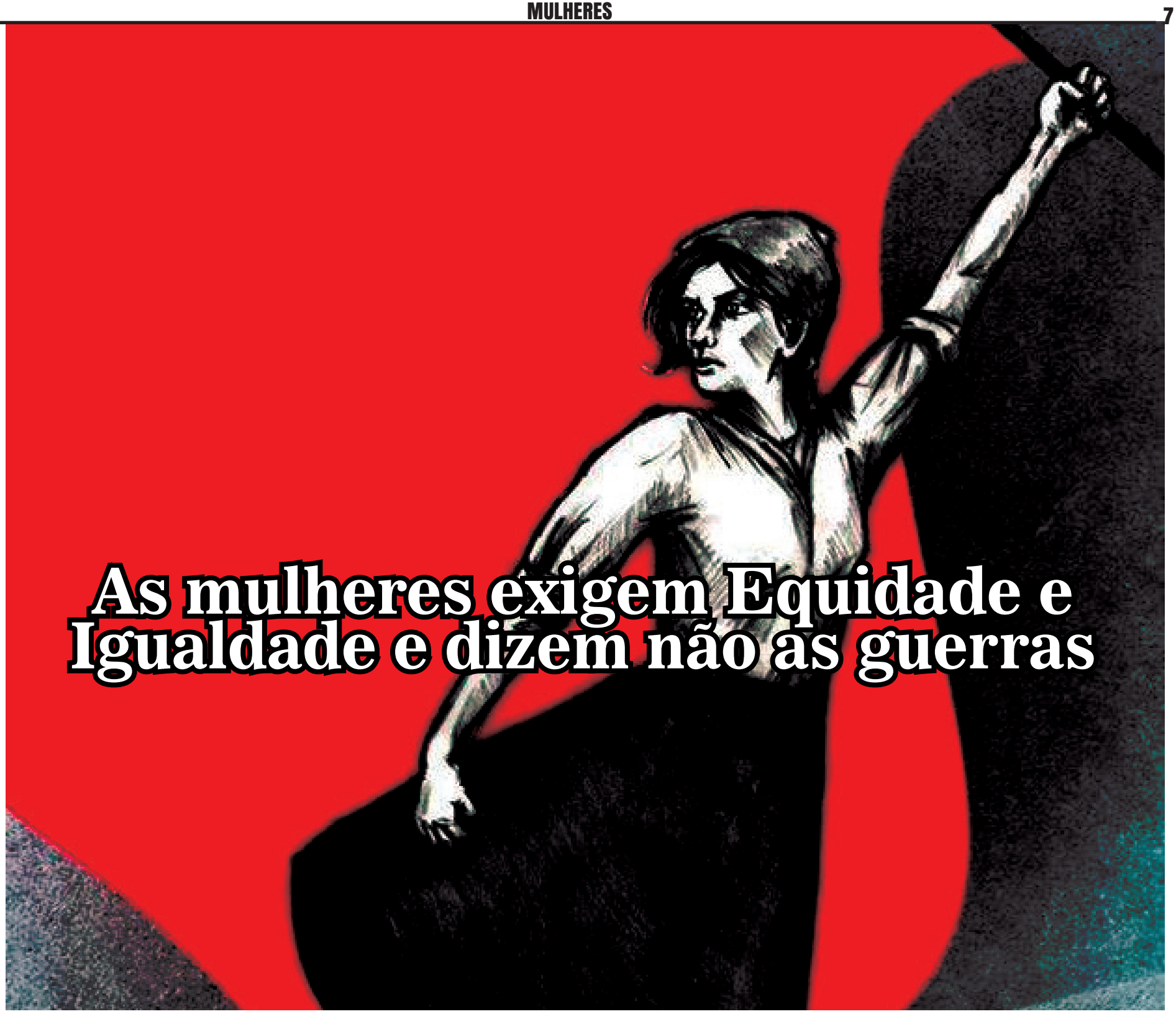
De fato, em 1946, o grande escritor brasileiro Jorge Amado, na época deputado federal pelo Partido Comunista do Brasil, foi autor da emenda 3218, que permitia o livre exercício da crença religiosa. Mais tarde, essa emenda foi consagrada como parte da constituição brasileira de 1946. Conforme narra em seu livro de memórias Navegação de Cabotagem, Jorge Amado levou em consideração justamente seu contato com as religiões de matriz africana e a violência que os praticantes dessas religiões sofriam pelo Estado brasileiro para criar essa emenda.

Não há liberdade religiosa sem garantir para o povo brasileiro ter seus direitos mínimos, sua alimentação, moradia, emprego, educação, cultura e saúde. E somente a construção do socialismo poderá garantir esses direitos.

rumos da luta
um jornal a serviço da classe operária e camponesa

APOIE O JORNAL RUMOS DA LUTA!
Para viabilizar os custos do nosso jornal por mais um ano de vida, seguimos com o esquema de assinaturas únicas de apoio, no valor de R$ 100 (cem reais), com a qual você passa a receber mensalmente em sua casa um exemplar e assim também contribui com o desenvolvimento da nossa publicação.

Se você tiver interesse em assinar e nos apoiar, envie um e-mail para rumosdaluta@gmail.com ou pelo site www.novacultura.info/jornal



As mulheres exigem Equidade e Igualdade e dizem não às guerras

Agora é o momento que a faísca acende, como no princípio. Igual ao século XX, quando as trabalhadoras se levantaram contra a exploração do capitalismo industrial primitivo, agora também é o momento de tomar as instituições contra o sistema mais bárbaro que ferve nas caldeiras do neoliberalismo. O imperialismo joga a brutal dança do diabo na vida dos trabalhadores do mundo. As mulheres trabalhadoras estão escravizadas e subjugadas dentro da classe operária que já está marginalizada até à beira da privação.

A pandemia do Corona Vírus agravou ainda mais a discriminação de gênero. A estimativa anterior de 100 anos para o fim da discriminação de gênero será agora de 136 anos, graças ao coronavírus. A diferença salarial entre homens e mulheres aumentou. A taxa de participação do trabalho das mulheres tem caído. As economias capitalistas se refugiam descaradamente no vírus para negar e arrebatar os direitos dos trabalhadores.

O capitalismo, em sua ânsia para conseguir mais poder econômico e político, tem alcançado sua forma mais elevada do imperialismo. As rivalidades imperialistas tem provocado guerras que levam milhões de pessoas a miséria. As guerras comerciais pela hegemonia econômica condenam mais os trabalhadores. Montanhas de misérias abundam no mundo. A pobreza, o terrorismo, o racismo, a crise dos refugiados, a guerra – tudo ao mesmo tempo - afetam duramente as mulheres e as trabalhadoras.

O aumento estimado do trabalho de cuidados não remunerado das mulheres ilustra a perpetuação do patriarcado no sistema capitalista. Não se avalia a contribuição das mulheres ao PIB e a atividade econômica não remunerada. Os orçamentos sensíveis ao gênero ainda não estão na ordem do dia. Tudo isto e muito mais, a devastação é o destino da ordem mundial capitalista. O capitalismo, em sua própria origem, é contrário as mulheres.

O açoite do capitalismo se intensifica à medida que se enfrenta o seu declínio. Porém a resistência da classe operária se faz forte contra a brutal investida em todo o mundo. Os trabalhadores são os soldados da primeira linha. Merecem nossa saudação militante. Este é o legado das militantes classistas que plantaram a semente da rebelião há quase um século. Saíram a rua exigindo seus direitos e a paz frente as guerras. Nós rendemos nossa rica homenagem.

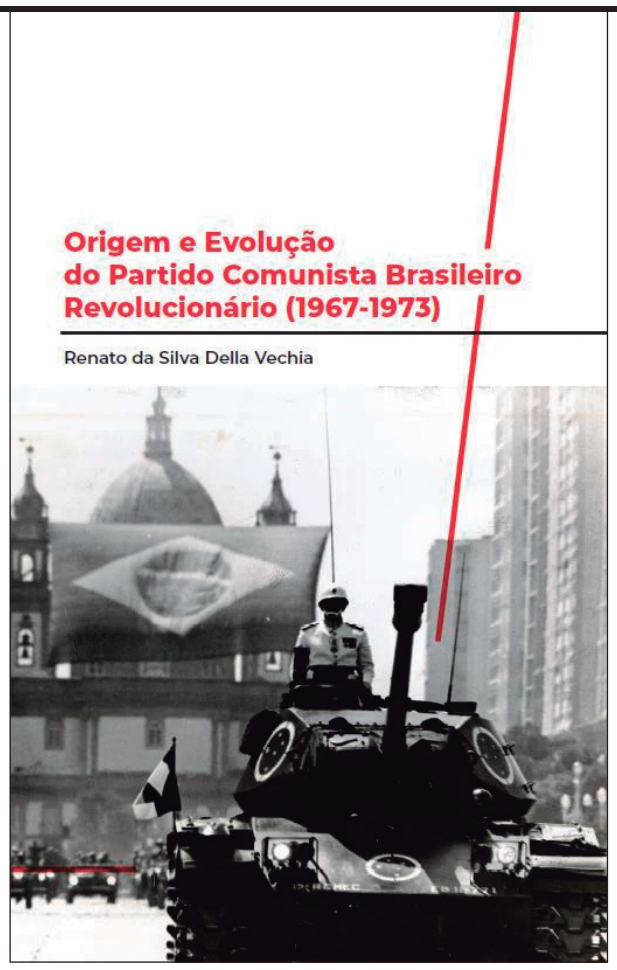
As lutas operárias na Europa, Estados Unidos, Índia, etc. têm seu lado positivo. Mas o abismo do capitalismo descende com as bençãos dos poderes políticos. A estratégia da classe operária deve fortalecer-se. As trabalhadoras tem um papel decisivo que desempenhar. Porque a relação dialética de reforço mútuo entre a estrutura da classe capitalista e da estruturação hierárquica de gênero são as causas fundamentais que negam as mulheres os seus direitos.

Agora é o momento de avivar a indignação. Despertar a consciência das amplas massas de mulheres. Afirmamos nossas reivindicações sobre a importância de adotar políticas, legislação e leis que garantissem a conquista da não discriminação das mulheres. E proporcionassem proteção especialmente na Palestina, Síria, Yemen, Iraque e todas as zonas onde as mulheres sofrem assassinatos, torturas, expulsões e falta de segurança e proteção.

Neste Dia Internacional da Mulher Trabalhadora, as mulheres da FSM se levantam com convicção para dizer alto e claro: Nós, mulheres trabalhadoras exigimos equidade e igualdade. Dizemos: Não às guerras imperialistas. Não vamos ceder nossos direitos".

A Federação Sindical Mundial e seu Comitê de Mulheres Trabalhadoras convocou as mulheres trabalhadoras, toda a classe operária e aos sindicatos classistas em todo o mundo a organizar iniciativas, ações e atividades militantes o 8 de março de 2023 com as bandeiras, os princípios e os objetivos da Federação Sindical Mundial.

Uma História para ser contada



Em dezembro do ano passado meu amigo e camarada de lutas de algumas décadas Renato da Silva Della Vechia lançou seu livro, sobre a história do Partido Comunista Brasileiro Revolucionário (PCBR), que é resultado de pesquisas de uma boa parte de sua vida, que se confunde também com seu compromisso de uma vida inteira de militância.

Assim, com a dificuldade que sempre se coloca quando vamos analisar uma obra escrita por outra pessoa, o que nos obriga a procurar entender suas perspectivas e intenções, "agravado" ainda pelo fato de saber de toda a dedicação e do sonho acalentado pelo Renato, de compartilhar o objeto de décadas de pesquisa, vou comentar algumas questões que considero fundamentais no livro:

Em primeiro lugar, destaco a Apresentação do livro, feita pelo grande e saudoso Enrique Serra Padrós (historiador, foi professor da UFRGS e grande pesquisador das ditaduras no Cone Sul) que, fiel ao estilo que o caracterizou, consegue em pouco mais de cinco páginas nos oferecer um quadro completo dos principais temas que encontraremos no livro.

Na sequência, é preciso destacar os momentos em que o Renato produz debates teóricos de grande qualidade e objetividade, como quando esquadrinha as principais teorias sobre os partidos políticos, quando nos apresenta os debates teóricos dos principais dirigentes revolucionários do início do século XX acerca do caráter das organizações de esquerda, quando analisa uma série de elementos que procuram compreender os significados do golpe civil-militar de 1964 e ainda, quando ao final do livro traz uma imprescindível discussão para os dias atuais: a questão de gênero, em que dialoga com as enormes barreiras colocadas para as mulheres revolucionárias dos anos 60/70.

Mas é nos capítulos 4 e 5 que Renato nos apresenta a história do PCBR, desde os momentos que precedem sua formação, até sua liquidação, levada a cabo pelo terror de Estado perpetrado pelos heróis dos canalhas fascistas que tanto ameaçam nossa democracia hoje. Ali podemos acompanhar o debate produzido nas instâncias do PCB, tendo como foco principal o tipo de resistência que deveria ser construída à ditadura e que teve como resultado a saída de boa parcela de seus militantes, que irão a partir dali tomar parte em inúmeras organizações clandestinas de combate ao poder militar. É importante destacar aqui a apresentação das diferenças estratégicas e táticas que permearam esses diversos grupos que tomaram parte na luta armada brasileira.

Em relação especificamente ao PCBR, Renato nos traz a oportunidade de acompanhar boa parte dos detalhes de sua história, inclusive com os documentos políticos da organização, inseridos nos anexos do livro. Mas podemos também acompanhar vivamente a sequência de discussões e ações práticas executadas pelo "BR", através dos inúmeros relatos dos entrevistados, como Jacob Gorender, Apolônio de Carvalho, Prestes de Paula e dezenas de outros.

O livro, ao final, relaciona mais de 540 nomes de pessoas que tiveram alguma ligação com o PCBR naquele período. Desde militantes e simpatizantes até pessoas listadas pelos órgãos de repressão, mas que possivelmente não tivessem vínculos orgânicos.

E é sobre essa história de lutas, de heroísmos, de paixão pela causa revolucionária, de compromisso com a criação de um mundo sem explorados nem exploradores, que faz com que esse trabalho mereça ser lido por todos aqueles que teimam em sonhar com um novo mundo, inclusive porque nos cabe, nesse momento da história, a tarefa de trazer à tona para a sociedade todos os horrores praticados naquele infame período de nosso país e que, inversamente ao que foi feito na Argentina, no Uruguai e no Chile, não recebeu nenhuma punição institucional.

"Para que não se esqueça, para que nunca mais aconteça!" Viva a luta revolucionária, vivam todos aqueles que lutam e sonham!

Resenha de Lauro Borges

Edições NOVA CULTURA

Conheça o selo editorial mantido pela URC para publicar materiais clássicos do marxismo-leninismo e da história das revoluções do século XX. Publicamos obras da União Soviética, da China, da Coreia Popular, de Cuba, do Vietnã, entre outros títulos para o estudo sobre as lutas revolucionárias dos povos de todo o mundo.

www.novacultura.info/selo